18 REGISTROS DE PRODUÇÃO · ACESSO RESTRITO



RIOTOPIA

BASTIDORES REVELADOS

ARQUIVO · BASTIDORES REVELADOS 18 REGISTROS

BASTIDOR #01 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

01 UM ROMANCE CARIOCA

Riotopia carrega ecos inevitáveis de Dostoiévski, Kafka e dos arquitetos da distopia clássica — Zamiatin, Orwell e Huxley. Contudo, minha referência maior reside na prosa de Machado de Assis. A escolha de situar esta distopia no Rio de Janeiro vem de sua influência, que escreveu a maioria de suas histórias no estado do Rio: sou nascido na Baixada Fluminense. Transportar a trama para outra latitude soaria artificial. O RJ é o meu território de vivência e linguagem; era nele, e somente nele, que este colapso precisava acontecer.

BASTIDOR #02 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

02 O LIVRO QUASE FOI OUTRO

A versão embrionária tangenciava *1984*. O protagonista — apelidado temporariamente de Bento — era um burocrata incumbido de reescrever clássicos da literatura sob a pretexto de “modernizá-los”, enquanto alimentava o desejo secreto de os desconstruir. Percebi a tempo que o enredo flertava perigosamente com o plágio. Eu buscava uma identidade constitutivamente brasileira e carioca. Abandonei a ideia original e fiz nascer a dupla Grego e Silas, cuja dinâmica teve como faísca a leitura de *O Livreiro de Gaza*, narrativa pautada pelo diálogo denso entre dois homens em uma livraria.

BASTIDOR #03 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

03 O SERVIDOR DISSIDENTE

Bento não foi completamente descartado; metamorfoseou-se em Tomás, figura central do segundo fio condutor de *Que insetos são esses que cobrem o céu*? Sempre me fascinou a existência desses burocratas lúcidos que se recusam a ser tragados pela engrenagem estatal. A servidão pública carrega um risco moral intrínseco: a exigência de fidelidade cega ao Estado. Tenho profunda admiração por aqueles que encontram coragem para sabotar a máquina quando ela deixa de servir à população para cultivar o próprio poder. Todo bom funcionário público carrega consigo o potencial de um insurgente.

BASTIDOR #04 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

04 UMA DISTOPIA ESCRITA AO PÉ DA SERRA

A gestação do livro esteve imersa em contrastes profundos. Eu vivo num rancho aos pés da Serra da Mantiqueira, em Itatiaia. Em um período que estava mais dedicado a cuidar da terra, paralelamente, atuava como *ghostwriter* na autobiografia de um exilado político — um autêntico "inimigo do Estado". Quando tive a ideia para este livro, lia *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. Entre as cinco e as sete da manhã, intercalava o plantio de árvores no terreno com trechos do romance. Escrever a memória de um perseguido enquanto plantava raízes na serra e absorvia um gigante da nossa literatura criou o caldo de cultura perfeito. Nesses desencontros geográficos e literários nasceu *Riotopia*.

BASTIDOR #05 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

05 A GÊNESE DOS BESOUROS

A imagem dos drones-besouros surgiu de uma reportagem sobre Cabedelo, na Paraíba, sob o domínio do Comando Vermelho. A matéria relatava que os criminosos apelidavam de “besouros” as câmeras camufladas com tinta preta e fita isolante nos postes de energia. Apropriei-me da metáfora e a fundi aos drones. Na época, a realidade carioca já apresentava distorções surreais: facções usavam quadricópteros para lançar artefatos explosivos, enquanto a Prefeitura empregava a mesma tecnologia para perseguir vendedores ambulantes. Ao mesmo tempo, o poder público oferecia cursos de pilotagem de drones para jovens da periferia. O diagnóstico de um descalabro sistêmico fez surgir a pergunta inevitável: o que aconteceria se, em dez ou vinte anos, Estado e crime organizado se tornarem indissociáveis? Esse aparato tecnológico certamente seria usado para oprimir e não libertar a população.

BASTIDOR #06 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

06 A GUERRA SUTIL CONTRA OS LIVROS

Para não me esquivar do cânone distópico, incorporei os pilares do gênero: totalitarismo estatal, vigilância ostensiva, alienação social e, claro, o estrangulamento da literatura. Porém, a forma como abordo o fim do livro se afasta das receitas tradicionais. Se em *1984* a história é adulterada e em *Fahrenheit 451* as páginas queimam, em *Riotopia* o colapso aproxima-se de *Admirável Mundo Novo*: a leitura definha não apenas por proibição, mas pelo desinteresse cultivado — os livros

tornam-se obsoletos porque o desejo de ler foi anestesiado. O fato de as obras físicas serem relegadas à marginalidade e comercializadas clandestinamente em favelas é profundamente simbólico. A isso soma-se a ameaça contemporânea, presente em *O Caçador de Besouros* e nas conversas entre Silas e Grego: a predação promovida pelas corporações de inteligência artificial, que devoram e diluem a produção literária. Não quis restringir o ataque à cultura a uma única frente. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, a censura, o desuso, o mercado clandestino e o canibalismo digital operam simultaneamente. É nessa superposição de ameaças que *Riotopia* constrói sua própria visão da distopia.

BASTIDOR #07 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

07 A GAMBIOLOGIA SOCIAL DO CAOS

Como bem observou o professor Gustavo Bertoche em sua arguta crítica literária à obra, a grande contribuição de *Riotopia* para a tradição distópica foi recusar o estereótipo do totalitarismo asséptico. Diferente do controle higienista, frio e milimetricamente ordenado de *1984* ou *Admirável Mundo Novo*, a engrenagem de *Riotopia* opera na chave oposta: o caos é a própria ferramenta de dominação. Trata-se de uma verdadeira "gambiologia social". O Estado não busca erradicar a feiura, a desorganização ou a violência; ele as instrumentaliza. A desordem calculada, o improviso permanente e a degradação urbana deixam de ser falhas do sistema para se tornarem sua mais eficiente estratégia de poder. Esse diagnóstico traduz com precisão a anatomia

do Rio de Janeiro ao longo do último século — uma cidade que, especialmente após perder o status de capital federal, aprendeu a governar e a ser governada na constante iminência do colapso.

BASTIDOR #08 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

08 TRÊS MESES E A GÊNESE GESTADA

Diferente do que muitos supõem, a escrita dos três fios condutores da obra não levou anos, mas se condensou em um sprint vertiginoso de apenas três meses — tudo isso enquanto eu equilibrava a rotina de trabalho, editando e produzindo projetos paralelos para meus clientes. O embrião da história já habitava a minha mente há pelo menos um ano. Inicialmente, o projeto sequer pretendia ser um romance longo; planejava uma novela curta focada exclusivamente na dinâmica entre Silas e Grego. Contudo, ao me disciplinar para escrever nas primeiras horas da manhã, a narrativa ganhou tração e desdobrou-se organicamente. Conforme os capítulos nasciam, eram submetidos quase em tempo real à revisão, até que a estrutura completa estivesse pronta para ser entregue à editora — exatamente da forma como o livro se apresenta agora nas suas mãos.

BASTIDOR #09 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

09 O HOMEM QUE NÃO NASCEU PARA SER HERÓI

Uma das decisões mais deliberadas na construção de *Riotopia* foi recusar a figura tradicional do protagonista destinado a salvar o mundo. Gregório, por exemplo, não é um revolucionário, um

intelectual perseguido ou um homem dotado de habilidades extraordinárias. É um brasileiro comum, empobrecido pela própria sobrevivência, que atravessa os dias sem encontrar tempo ou disposição para questionar o mundo em que vive. Seu primeiro movimento de liberdade não é uma rebelião, mas uma mudança na maneira de olhar. A presença de Silas inaugura essa transformação, sem convertê-lo imediatamente em alguém diferente. Quis trabalhar com uma hipótese simples: talvez as mudanças mais importantes na vida de um homem aconteçam muito antes de ele realizar qualquer grande feito. Às vezes, começam quando ele finalmente percebe aquilo que sempre esteve diante dos seus olhos.

BASTIDOR #10 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

10 O FUTURO PRECISAVA PARECER VELHO

Desde as primeiras concepções visuais, estabeleci que o Rio de Janeiro de 2053 não deveria parecer uma cidade futurista saída de uma produção hollywoodiana. Por isso abandonei a ideia inicial de me apoiar na estética cyberpunk. Nada de arranha-céus reluzentes, hologramas por toda parte ou uma sociedade tecnologicamente impecável. Minha intenção era quase oposta: imaginar uma cidade que continuou envelhecendo, acumulando remendos, contradições e desigualdades. O futuro de *Riotopia* é reconhecível justamente porque boa parte dele se parece com o presente. As tecnologias avançaram, mas as calçadas continuam quebradas, os edifícios envelheceram e a precariedade permaneceu. Essa escolha não foi apenas estética. Quis sugerir que o progresso tecnológico, por si só, não representa progresso civilizacional.

BASTIDOR #11 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

11 O LIVRO QUE SE RECUSOU A TER UM ÚNICO PROTAGONISTA

Quando percebi que a história de Silas e Grego não seria suficiente para revelar todas as dimensões daquele mundo, tomei uma decisão estrutural: abrir a narrativa para outros personagens. Assim nasceram os três fios condutores. No primeiro, acompanhamos homens que começam a questionar a realidade. No segundo, encontramos alguém que conheceu a engrenagem estatal por dentro e já não consegue olhar para o mundo sem desconfiar dele. No terceiro, a narrativa se aproxima daqueles que sofrem as consequências mais concretas do sistema, especialmente uma senhora e um menino em situação de extrema vulnerabilidade. Essa estrutura me permitiu fazer algo que considero fundamental: retirar o regime do centro da narrativa e colocar ali as pessoas. O totalitarismo é o ambiente. O assunto principal continua sendo o ser humano.

BASTIDOR #12 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

12 A CIDADE TAMBÉM É UM PERSONAGEM

A distribuição geográfica das histórias não aconteceu por acaso. A primeira se desenvolve no Rio de Janeiro urbano, acompanhando deslocamentos que ajudam a apresentar o funcionamento cotidiano da Nova República (aliás, nome que decidi manter justamente para trazer familiaridade aos leitores). A segunda abandona a capital e avança em direção à Serra da Mantiqueira, região que conheço intimamente. A terceira retorna à cidade, especialmente à região

ferroviária e portuária, com sua história de abandono, circulação humana e transformações urbanas. Essa movimentação amplia o território ficcional sem perder sua identidade. Eu não queria um Rio de Janeiro reduzido aos cartões-postais, tampouco uma distopia que pudesse acontecer indiferentemente em qualquer metrópole. Os lugares precisavam carregar memória, contradições e uma presença concreta na vida dos personagens.

BASTIDOR #13 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

13 OS MAPAS QUE O REGIME TERIA PRODUZIDO

Os mapas inseridos no livro não foram concebidos apenas para orientar o leitor. Quis que parecessem documentos produzidos pela própria Nova República. Por isso, a cartografia histórica do Rio de Janeiro e as referências geográficas de Itatiaia passaram por um processo de adaptação ao universo ficcional de 2053. A escolha de mapas antigos também ajuda a criar uma tensão entre memória e controle: ruas, morros e estações permanecem, mas passam a ser identificados segundo a linguagem de uma nova ordem política. O leitor enxerga a cidade; o regime enxerga setores, classificações e áreas de vigilância. Há uma diferença importante entre conhecer um território e pretender administrá-lo integralmente. Cartografar também pode ser uma forma de exercer poder.

BASTIDOR #14 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

14 A VELHICE, A INFÂNCIA E AQUILO QUE NÃO PODE SER ADMINISTRADO

O terceiro fio condutor nasceu de uma inquietação diferente daquela que movimenta as histórias anteriores. Eu queria investigar o que acontece com a dignidade humana quando uma sociedade passa a avaliar as pessoas sobretudo por sua utilidade, produtividade e adequação ao sistema. Para isso, aproximei dois personagens que ocupam posições extremamente frágeis: uma mulher idosa e um menino praticamente abandonado. A relação entre eles não precisava ser sustentada por discursos sobre liberdade, mas por atitudes pequenas, muitas vezes silenciosas. Ao escrever essa parte, interessava-me especialmente a possibilidade de uma pessoa oferecer a outra aquilo que o aparato institucional, apesar de toda a sua capacidade de organização, já não conseguia oferecer: reconhecimento, presença e cuidado.

BASTIDOR #15 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

15 A RESISTÊNCIA NÃO PRECISAVA FAZER BARULHO

Uma das tentações mais evidentes ao escrever uma distopia é transformar a resistência em um grande espetáculo: conspirações, perseguições, confrontos e personagens dispostos a derrubar o regime. Escolhi outro caminho. Em *Riotopia*, os gestos de resistência frequentemente são tão pequenos que poderiam passar despercebidos: uma conversa, um livro preservado, uma refeição compartilhada, a

decisão de não abandonar alguém. Não se trata de negar a importância da ação política, mas de explorar uma resistência anterior a ela. Antes de desafiar um sistema, um indivíduo precisa conservar alguma liberdade interior. E antes de defender abstratamente a humanidade, talvez precise aprender a reconhecer o ser humano que está diante dele.

BASTIDOR #16 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

16 A IMAGINAÇÃO COMO PROBLEMA POLÍTICO

Uma das ideias que atravessam o livro nasceu da minha leitura de *Nós*, de Ievguêni Zamiatin. Naquela distopia, a imaginação é tratada como uma ameaça à ordem estabelecida, a ponto de existir um procedimento destinado a suprimi-la. Essa inversão sempre me impressionou. Afinal, a imaginação não serve apenas para criar mundos inexistentes; ela também permite conceber alternativas ao mundo existente. Quem perde essa capacidade tende a aceitar com maior facilidade aquilo que lhe é apresentado como inevitável. Foi dessa reflexão que surgiu uma das frases centrais de *Riotopia:* “Quem não imagina, aceita.” Não a concebi como um elogio à fantasia ou ao escapismo, mas como uma afirmação sobre a relação entre imaginação, consciência e liberdade.

BASTIDOR #17 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

17 UM LIVRO CONSTRUÍDO COM IMAGENS DE OUTROS SÉCULOS

Parte da identidade gráfica de *Riotopia* nasceu de uma escolha aparentemente contraditória: utilizar imagens históricas para representar um mundo futuro. Gravuras, ilustrações antigas e cartografias de outras épocas foram incorporadas às aberturas e aos elementos visuais do livro. Em vez de buscar uma estética exclusivamente tecnológica, procurei estabelecer um diálogo entre passado e futuro. O besouro, o olho e outros elementos simbólicos passaram a funcionar como pequenas portas de entrada para cada fio narrativo. Essa decisão também se relaciona à própria história: um mundo pode acumular tecnologias extraordinárias e, ainda assim, continuar preso a problemas humanos muito antigos.

BASTIDOR #18 / 18 REGISTRO DE PRODUÇÃO

18 A CAPA QUE VENCEU A IDEIA ORIGINAL

A capa que chegou à edição final é bastante diferente daquela que imaginei no início do projeto. Minha primeira intenção era seguir um caminho mais sóbrio, próximo de determinadas edições clássicas da literatura distópica. Depois de várias experiências e conversas com a equipe editorial, porém, prevaleceu uma composição mais expressiva, inspirada também pela linguagem visual das histórias em quadrinhos e pelo enquadramento cinematográfico. O vermelho permaneceu como referência à tradição gráfica do gênero, enquanto a perspectiva e a presença dos insetos-máquinas ajudaram a construir a sensação de

desproporção entre o indivíduo e as forças que o cercam. Entre cinco ou seis caminhos explorados, escolhemos aquele que melhor conciliava identidade artística, atmosfera narrativa e força comercial.

— FIM DO ARQUIVO —



OUSE OLHAR PARA O ALTO.

RIOTOPIA · PAULO MACCEDO
riotopia.com.br